

O Balão aos Habitantes da Lua (1819) José Daniel Rodrigues da Costa

apresentação e fixação de texto de

Maria Luísa Malato Borralho (Universidade do Porto)

ver [Nota Explicativa](#)

Citação: José Daniel Rodrigues da Costa, "O Balão aos Habitantes da Lua", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

O galo canta três vezes,
Um Poema muitas canta;
Eu canto só uma vez,
Visto que a voz não espanta.

PRÓLOGO

Com a cabeça lá por esses ares
– Cá por certas razões particulares –,
A fazer um Poema corri pronto,
Mas fiquei ainda mais aéreo e tonto!
E talvez que saísse limitado,
Pelo fazer no ar muito apressado:
Que feito ser não pode com assento
Tudo o que tem no ar o fundamento.
Agora, qual Balão que atrai o povo,
Eu me apresento ao público de novo:
Subindo pouco e pouco sem perigos,
Na lembrança entrarei dos meus Amigos,
Dos meus Apaixonados, meus Leitores,
Dos Assinantes meus e mais Senhores
Que em Belas-Letras são do meu partido,
Que as minhas Obras têm comprado e lido,
A rogar-lhes, pedindo acolhimento,
– Ou me encontrem ou não merecimento –,
Para que o meu Poema gasto seja
E produza uma cousa que se veja.

Ou papel ou metal, tudo convém
Apesar do defeito que ambos têm:
Que o dinheiro papel, que nos consome,
Qualquer vento que vem o leva e some;
E o metal, que em despesas o consumo,
É um ar que lhe dá, torna-se em fumo!

Mas deixando o que já não tem melhora,
Da Máquina tratar pretendo agora.
Notei que ela subiu com gravidez,
Que teve o bom-sucesso nesse mês:
Sem parteira ou parteiro, desovou
E os ares de filhinhos povoou;
Pois viram-se, por ópticas lunetas,
Todos eles tornados em Cometas,
Que eram uns Balõezinhos muito anões
Por cima da Travessa dos Ladrões,
No sítio de Pedrouços, em Almada,
No Rossio, Olarias, na Tapada,
Fora alguns que, segundo o que se pensa,
Ficaram afogados à nascença.
Mas visto que esta mãe em tanta lida
Fora no parto seu bem sucedida...

Que muito que eu também deseje agora
Que este Poema tenha boa-hora!
Não se estranhe a prenhez ver-se hoje em macho,
Que igual sucesso nas Gazetas acho:
Pois já houve um rapaz que, sem defeito,
Lhe tiraram de dentro outro sujeito.

Na verdade me vejo confundido
Do que em Lisboa tem aparecido!
Que se mais dez ou vinte anos aturo,
Ainda espero de ver, eu lho seguro,
Que algum, que venha aqui de engenho e arte,
Tente a terra furar de parte a parte,
Para ouvir os Antípodas falar
E podermos com eles conversar.
Empreende-se ir além das nuvens rotas!
Em vez de botes, navegar em botas!
Uns cumprem o que dizem, outros não,
No entanto, haja prazer, viva a função!

Mas entre tudo quanto se tem feito,
Subir ao ar merece algum respeito:
Pois não é cousa pouca em quem se anima
A andar de guarda-costa lá por cima.
Porém talvez mais útil se fizesse,

Se caça nos piratas dar pudesse:
Ora descendo ao mar, ora subindo,
E onde quer que os achasse, ir-lhes caindo,
Qual falcão, vendo a lebre, aceso em fogo.
Que em cima, como um raio, lhe cai logo,
A dispersar aquela cruel praga
Que o Comércio do mundo estorva e estraga!
Fúrias que de veneno são nutridas,
Que aos Navegantes roubam, tiram vidas.

O meu herói brilhar deve na História
Ir o seu nome ao Templo da Memória;
Confessar lhe devemos a destreza,
O grande arrojo, a impávida afouteza;
E o seu merecimento abalizado
Seja ao Globo em meus versos decantado.

Argumento

*Matemáticos pontos combinando,
Tendo por base a grande Astronomia,
Um Génio, que não tem nada de branda,
Projecta ir ver o Sol, fonte do dia:
Em pejado Balão vai farejando,
Subindo mais e mais como devia;
Dívise a Lua, mete-se por ela,
Pasma de imensas cousas que viu nela.*

1.

Eu canto o Herói que voa sem ter asas,
Nas altas regiões de frio e fogo,
Que no corpo da Lua encontrou casas
Que não eram de pasto nem de jogo;
Que viu montes de gelo, outros de brasas,
Que indo buscar nas nuvens desafogo,
As dúvidas tirou à gente perra,
Que teima em que na Lua não há terra.

3.

A ti, Mercúrio, invoco desta vez!
Porque és um Deus que tens pés e cabeça,
Com asas da cabeça até aos pés,
É bem que só a ti socorro peça;
Bem haja quem te armou e quem te fez,
Para seres o auxílio desta Peça!
Empenha quanto tens, Jovem sisudo,
Galero, caduceu, talares, tudo.

5.

Num bote, que de verga foi tecido,
Preso a um globo de gás inchado e cheio,
Sobe aos ares Robertson destemido,
Até que rompeu as nuvens pelo meio:
Girou no imenso espaço prevenido,
Sem conservar da queda algum receio;
Entrou na Lua (não é caso novo),
Mas pasmou vendo terra e tanto povo.

7.

Diz que surgiu do bote, e que ficara
Ali surpreso, bem como insensato;
Que correu logo povo a ver-lhe a cara,
Se tinha rosto cheio ou rosto chato;
Vendo tal multidão, que se humilhara,
Porque assim lhe saía mais barato;
Que se ajuntaram todos para ouvi-lo,
E ele disse quem era em breve estilo.

2.

Entre os Deuses da cega Antiguidade,
Escolherei um Deus não cousa pouca,
Um Deus de conhecida habilidade,
Daqueles que não têm cabeça oca,
A quem invoque e peça a caridade
De pôr conceitos mil na minha boca;
Não quero o Deus que tem cortado os mares,
Quero um que tenha andado pêlos ares.

4.

E a vós, estouvadíssimos Lunáticos,
Homens que andais, com a Lua, assim caquéticos,
Pois que nas minhas obras estais práticos,
Vos dedico estes voos meus poéticos!
Quem pudera ter todos os Sais Áticos,
Para obrigar a rir os mais frenéticos;
Se estes versos achardes maus e horríficos,
Comprai, lede, rasgai, ficai pacíficos.

6.

Apenas aportou à nova terra,
Susto e receio se apoderam dele;
Vendo a gente em cardume, como em guerra,
Formigueiros sentiu por entre a pele:
Do melhor modo a Máquina ali ferra,
E tudo o que o levou ao chão impele;
Quando se viu de povo então cercado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

8.

Depois da narração por ele feita,
Diz que ficara mudo, contemplando
Se ela seria bem ou mal aceita;
Vendo o povo entre si baixo falando,
Não se pôde tirar desta suspeita,
Por ser mal-encarado aquele bando:
E já ansioso conhecer queria
Que costumes, que Lei, que Rei teria.

9.

Fez o Balão ali grande estranheza,
Deixando os habitantes admirados,
Vendo a Máquina assim de tal grandeza,
Por ares poucas vezes navegados,
Mas disse um: isto é contra a natureza,
Deste modo não há sítios vedados!
No seu mundo lançaram fome e peste,
Agora vêm de lá estragar este!

11.

Ouviu o nosso Herói estes ditinhos,
Como primeira amostra deste pano!
Ficou-lhe o coração dando saltinhos,
As vozes de um tão forte desengano;
Virou-lhe as costas, foi provar os vinhos
De fama no armazém dum tal Fulano;
Depois foi dar um giro e, por memória,
Quando baixou, contou-me a sua história:

13.

Que têm curto o pescoço e grandes braços,
Que cada perna é uma meia-lua;
Que todos movem vagarosos passos,
Ou seja dentro em casa ou pela rua;
Que são de palanfrórios muito escassos,
Que o tratarem verdade é glória sua;
Que muitos são corcundas pelas costas,
Que a tudo sabem dar subtis respostas.

15.

Que cumprem com a Lei em que nasceram,
Que não consentem lá *desabusados*,
Que em todo o tempo em prática puseram
A moral com que foram educados;
Que porque em doce paz sempre viveram,
Não têm procuradores nem letrados:
Se alguma questão há, que é decidida
Sem ter uma demanda mui comprida.

10.

Não há ninguém que a tanto se abalance,
bem que tenha por isto grande interesse!
Mas a lugar tão alto não se canse
Em vir voador algum, porque esmorece:
A sua vida sérias contas lance,
Pois não tira daqui o que apetece!
Não venha cá nenhum a pôr-se em praça:
Quem quer botar balões, bote-os de graça!

12.

Conta que vira os homens barrigudos,
Todos de cara chata e carapinha;
Narizes, quais batatas, façanhudos,
A boca mais ou menos como a minha;
Os dentes muito claros e miúdos,
Cada orelha do vulto duma pinha,
A barba até ao peito, e a cor do rosto
Semelhante à da Lua em mês de Agosto.

14.

Que o pano de que trajam é tecido
Nos teares que têm, em que trabalham,
Em que o aleijado e o cego é entretido,
Que deste modo muito vício atalham;
Que domina uma forma de vestido;
Por isso luxo e moda ali não calham;
Que ali de mês a mês tudo melhora,
Que não se admite lá nada de fora.

16.

Diz mais o nosso Herói que entre este povo
Há dinheiro metal, papel moeda,
Mas que não sai dali (o que eu lhe louvo);
Toda e qualquer usura ali se veda;
Que ali gira o metal, ou velho ou novo;
Tudo o que é ambição dali se arreda:
Que a praga dos rebates lá não grassa,
Que o que se deu por dez, por dez se passa.

17.

Que têm Teatro bom, onde apresentam
Obras dos bons costumes que praticam;
Que se algumas jocosas representam,
Nelas sempre à decência se dedicam;
Que de as ouvir famílias se contentam,
Velhos e moços satisfeitos ficam:
Equívocos não têm, onde a maldade
Descubra ainda a mais leve obscenidade.

19.

Relata o nosso Herói que também vira
As Madamas dali muito formosas;
Que falara com elas e que rira,
Que são ternas, afáveis e amorosas,
E que delas bom fruto nunca tira
Quem as busca com farsas enganosas:
Não sabem namorar sem fundamento,
Há-de ser dito e feito, o casamento.

21.

Que se educa mui bem a mocidade:
São todas as donzelas instruídas,
Têm asseio, modéstia, honestidade,
Que são graves, prendadas, comedidas;
Que têm a seus Maiores humildade,
Gastam o tempo em ler, não em Partidas:
Sujeição, honra e brio em todas brilha,
A Mãe sabe que é Mãe, a Filha Filha.

23.

Aqui com muito custo um homem veio
Sobre as asas dum Pássaro fingido,
Que, porque lhe choveu, buscou o meio
De estar dentro da Lua recolhido;
Então contou afouto e sem receio
Quanto tinha passado e padecido,
Expondo sem violência, engano ou petá,
Os costumes do seu térreo Planeta.

18.

Que a língua nacional mui bem se entende,
Porque é à nossa muito semelhante;
Que com facilidade logo a aprende
Aquele que não for muito ignorante;
Que por todo o país se ouve e se estende
A mesma linguagem dominante:
Que por sistema, ou exacção, ou manha,
Uma palavra só não têm estranha.

20.

Que nos adros, Igrejas, nas esquinas,
Não se avistam tafúis postos de empada,
Insultando com ditos as meninas,
Costume só de gente malcriada,
Donde nascer podiam mil ruínas,
Se lá pegasse moda tão danada;
Que ali é tudo sério e desengano:
Distingue-se o divino do profano.

22.

Conta mais, que um distinto Cavalheiro
A ele se chegara e lhe dissera:
Vossa Mercê não é já o primeiro
Que se arrisca a subir à nossa Esfera;
Sendo eu ainda rapaz, era em Janeiro,
Quando outra igual viagem se fizera;
E ainda há vivente aqui, que em idade avança,
Que disto que lhe digo tem lembrança.

24.

De todas as Nações contou seu pouco,
Porque tinha por muitas viajado;
E mostrava não ter nada de louco,
Ficando de nos ver muito admirado:
Tinha o desar de estar um tanto mouco,
Talvez por vir dos ventos azoados;
Se ele não fosse, aqui se não sabia
Quanto lá nesse mundo se fazia.

25.

Esta notícia o nosso Herói ouvindo,
Uma pergunta fez de curioso,
Por ver velhos ali, que, nunca rindo,
Tinham rosto soturno e desgostoso;
A razão disto um deles descobrindo,
Lhe diz, num tom de voz mais respeitoso:
Um velho aqui prazeres não renova,
Sabe que anda com os pés tocando a cova;

27.

Que uma Dona de casa lhe dissera,
Estranhando ele muito o tal costume:
Aqui fora das horas não se espera
Que se ponham fatias e água ao lume;
Boa saúde sobre nós impera,
Sem cólicas, crueza ou azedume;
Janta-se, ceia-se, e isto quanto baste,
Sem precisão de chá que nos desgaste.

29.

Aqui são cozinheiros proibidos
Que de tudo o que encontram fazem molhos;
Por isso aqui há velhos bem nutridos,
Sem catarrais e sem moléstias de olhos;
Aqui os Boticários são falidos:
Debalde põem ao Sol ervas em molhos;
As purgas, vomitórios, lambedores,
São só para crianças que têm dores.

26.

Diz que vira uma sala de Senhoras,
Todas a conversar e bem falantes,
As quais passavam nisto horas e horas,
Sem as valsas nem jogos de tunantes;
Que não eram por vício faladoras,
Que algumas liam livros interessantes,
E que as noites ali assim passavam,
Sem que tomassem chá, mas que ceavam.

28.

De folhas de erva seca, encaixotadas,
De cafés, de cervejas, de licores,
E doutras esquisitas trapalhadas
Não se querem aqui contratadores;
Raparigas não há entisicadas,
Não temos reumatismos nem tupores,
É salubre o comer e não mesquinho,
Bebe-se ou água fresca ou puro vinho.

30.

O nosso Herói, que tinha reparado
Não ouvir as Senhoras murmurando
– Costume nelas muito inveterado,
Em duas, três e quatro se ajuntando –,
Perguntou se não era ali usado
Nas amigas cortar de quando em quando,
Descosendo o fiado bem a fundo,
Por esta ser a prática do mundo.

31.

Eis que a Dona da casa logo o atalha,
Respondendo num tom grave e sisudo:
Neste globo não há dessa gentalha
Que tudo infama, que abocanha tudo:
Aqui a gente por ganhar trabalha
Boa reputação, com sério estudo;
Pessoa que de lepra se vê cheia,
Não murmura da impigem, sendo alheia.

33.

Nós outros, que vivemos nas alturas,
Sem ter fumaças muito bem passamos!
Esse luxo não há nessas figuras,
Porque consentimento lhes não damos;
Isso da mocidade são verduras
Que nas educações logo atalhamos,
E seria indecente e moda louca
Fazer a gente chaminé da boca.

35.

Diz que depois subira uma calçada,
Que entrara numa tenda bem sortida;
Que cortejou a gente ali sentada,
Com aquela política devida;
Que uma conversaõ lhe foi armada
Em que cousas contou da sua vida:
E o tendeiro a babar de boca aberta,
Encostado ao balcão com o ouvido alerta!

32.

Pasmado do que ouviu, diz fora andando
E, numa Praça, viu moços refeitos;
Estranhou muito não os ver fumando,
Um vício a que os de cá são tão atreitos;
Chegou-se então a um velho, perguntando
Se os cigarros ali são mal aceitos;
Soltou-lhe o velho um riso muito forte,
E diz que respondera desta sorte:

34.

O nosso Herói, à vista do que ouvia,
Diz que tão confundido ali se achava
Que mil vezes consigo então dizia:
Ah, que se eu fora só, aqui ficava!
Se o fizesse, desculpa merecia,
Pois tudo com a razão se lhe ajustava;
Mas a outros lugares partiu presto,
Cobiçoso de ver ainda o resto.

36.

Diz mais que perguntou se não havia
Meninas a pedir que as socorressem;
Porque noutros países, noite e dia
Nas lojas e nas praças aparecem:
Que investe toda aquela bicharia
A quem entra e quem sai, que não conhecem;
Que se tem esta praga sempre visto
E que estranhava ali não haver disto.

37.

Aqui não há ninguém desamparado.
Respondeu um daquela comitiva:
Tudo na idade própria é empregado,
Para depois haver de que se viva!
A mulher pobre, o cego e o aleijado
Tudo trabalha e com diferente lida;
Que entre aqui Estrangeiro se consente,
Mas há-de trazer fundo que o sustente.

39.

Se algum aqui decai de ter fortuna
– Que os acasos do tempo isso permitem –,
Acha logo também uma coluna,
Porque maiores danos se lhe evitem;
Valer a quem não tem, ninguém repugna,
Nesta virtude é bem todos se imitem:
Todos nesta piedade permanecem,
Todos aos seus amigos favorecem.

41.

Tudo o que é matador ainda se aterra
Muito mais, por castigos ter maiores:
Pois vivo, até aos ombros nu, se enterra
Num campo, que se diz de Matadores;
Ali chora esfaimado até que cerra
Os tristes olhos de fraqueza e dores;
Chega-lhe a morte e, sem que lhe resista,
Morre com sentinelas sempre à vista.

38.

Não temos cá ninguém desconhecido,
Sabemos dos que estão e dos que vêm:
E se algum quer viver como escondido,
Triste de quem o esconde ou quem o tem!
Cavalheiro de indústria é proibido
Viver aqui, que em nada nos convém,
Que homem afidalgado, esperto e pobre,
Só à custa dos outros se faz nobre.

40.

Aqui não há ladrões! Se um aparece
É logo e sem demora castigado;
Tenha empenhos ou não, ele padece,
Sofrendo o que na Lei lhe é destinado:
Sendo pronto o castigo, não esquece
O delito que fora perpetrado!
Anda-se aqui de noite a toda a hora
Sem medo de que vão as tripas fora.

42.

Temos quem nos governe com respeito,
Com justas Leis que sobre nós imperam;
Tudo quanto se manda é logo feito,
Porque as Leis do país nunca se alteram.
Este mundo é da Lua e mui perfeito,
Onde os raios do Sol mais reverberam,
E por nosso brasão, nos nossos planos,
Chamam-se a estes Povos os Lulanos.

43.

O nosso Herói, que ao longe descobria
A Praça, que servia de Ribeira,
Lhe perguntou se sempre se comia
Peixe fresco da mão da vendedeira!
Disseram-lhe que sim, porque há vigia
Que manda o peixe podre à montureira;
Que o dono sofre à força esta diferença:
Mas que o Povo não compra uma doença.

45.

Diz mais o nosso Herói que perguntara
Se havia ali Poetas, e de fama,
Se eram nos Improvisos coisa rara,
Ou se nada era fruto e tudo rama;
Se andavam uns com outros de má cara,
A qual em prosa e verso mais infama,
Se mudavam questões de literatura
Numa nojenta e vil descompostura.

47.

Que ou seja em sério estilo ou no jocoso,
Não se ataca indivíduo nem se mancha,
Que a ninguém fica sendo injurioso
O corte, com que o vício se desmancha,
Que ele só faz figura – o vício odioso –,
Só com as almas vis é que se arranacha:
Que quem de um monstro tal bebe a peçonha
Até consigo mesmo se envergonha.

44.

Que nos açougues há igual revista,
Nas tendas, padarias e nas frutas;
Que estas, em sendo verdes, mesmo à vista
De seus donos se pisam sem disputas.
Ninguém com estas coisas se malquista,
Que há para as regular certas minutas:
Que assim a gente vive satisfeita,
Porque quanto se compra se aproveita.

48.

Responderam que ali se não fazia
Sátira contra alguém: que se estudava
Em apurar bastante a Poesia
Pela arte e lição que ali se usava;
Que muita obra sublime se escrevia
E a Pátria o seu Autor eternizava:
Que só fazia à Pátria benefício
Louvar grandes acções, cortar o vício.

48.

Diz este Herói que um homem, de improviso
Ao Tendeiro pedira lhe assinasse
Uma Letra, que lhe era mui preciso,
O que ele logo fez, sem que custasse;
Que ficou, disto ver, muito indeciso,
E como na Letrinha reparasse,
Que perguntou se estavam já na posse
De assinar Letras a quem quer que fosse.

49.

Que então lhe responderam: nesta terra
Nunca pegou a peste dos velhacos,
E se algum aparece a fazer guerra,
Sem apelo ou agravo é feito em cacos:
Homem de estratégias se desterra
Para a ilha chamada ilha de fracos;
Honra e verdade a boa-fé seguram,
Que por isso uns com outros se aventuram.

51.

É bem acreditada a nossa Praça:
Não há monopolistas, nem receio
Que o homem rico dano algum nos faça;
Depois de se ver de ouro farto e cheio,
Que deixe aqui os Sócios em desgraça,
Por fugir com o seu e com o alheio;
Não temos cá políticos Piratas
Com especulações e pataratas.

53.

Saiu dali o nosso Herói, gostoso
De ver e ouvir tão bom regulamento;
Foi buscar outro sítio, cobiçoso
De encontrar outro igual divertimento;
Um rancho de homens viu mais volumoso,
Chegou a ver de perto o ajuntamento:
Diz que era um Pai o filho desancando,
Porque fez que o não via, e foi andando.

55.

Mas que estranhando o nosso Herói o dar-se
Pauladas no rapaz mesmo na rua,
Lhe respondeu dali um com disfarce:
Nunca se meta em causa sem ser sua!
Não deve um pai assim enxovalhar-se,
Sem que o seu desaforo se conclua:
Toda a acção má a pena traz consigo,
Onde se faz o mal, dá-se o castigo.

50.

Aqui tanto valor tem o dinheiro,
Como tem a palavra proferida:
Sobre aquele sinal, que é verdadeiro,
A pessoa que o fez logo é servida!
Não há nesta Região um caloteiro,
Por isso nada falta para a vida:
Em firmas, em fianças e fiados
Não ficam uns por outros entalados.

52.

Homem que nada tinha, se aparece
De repente em funções dando jantares,
Comprando do melhor quanto apetece,
Querendo impor em públicos lugares:
Enquanto se não sabe ou não conhece
Donde alcançou moedas a milhares,
Como gasta e destrói mais do que tem,
Vai-se logo indagar donde lhe vem.

54.

Parece que ia o filho acompanhado
De três rapazes mais, tudo em galhofa,
E todos quatro em ar abandonado
Tratando tudo de investida, e mofa;
Que o filho então, virando para um lado,
Vendo o velho, seguiu a mesma fofa,
Dizendo em baixa voz: ora ali vai
O gebo, a tartaruga de meu pai!

56.

Quando esta cena deu por acabada,
Virou, e viu um rancho majestoso
De Senhoras, com preta e com criada,
Todas dum uniforme muito idoso;
Que a razão perguntou desta ranchada
Ter gosto tão igual e já rançoso:
As Senhoras aqui, um lhe dizia,
Não variam de modas cada dia.

57.

Que marido, que pai, que avô, que tio
Sofreria às Senhoras numa casa:
Quero um xaile de lã, que é para o frio;
Traga-me para a calma um leque de asa,
Um chapéu de aba grande e bom feito;
Tudo modas que põem a bolsa à rasa:
Num mês saia o vestido numa norma,
Noutro mês outro novo e doutra forma.

59.

Não se toleram cá estas mudanças!
Decência e asseio andam só em vistas,
Luxo não se usa aqui nem nas crianças,
Não temos contrabandos nem modistas;
Não há peraltice nem lembranças,
Não temos tentadores capelistas,
Não tem nosso dinheiro consumido
A pedraria falsa, ouro fingido.

61.

O nosso Herói mudando de distrito,
Encontrou numa andas um defunto,
E ficou entre si um pouco aflito,
Porque era também triste aquele assunto.
A um velho que ali viu, muito esquisito,
O seu chapéu tirou e, dele junto,
Perguntou se os enterros se faziam
Sempre daquele modo, ou se variam.

63.

Todo este povo alcança bem o fim
Que tudo neste mundo vem a ter;
Não há quem deixe de pensar assim:
Razão por que se sabem conhecer!
A vaidade não faz senão motim
E para a perdição só tem poder;
De que serve um pomposo mausoléu
Ao que em pecado morre e perde o Céu?

58.

Que motim não seria, que balela,
Ver nesta gente honesta e recatada,
Uma de peitos nus postos à vela,
Outra em folhos de bicos afogada,
Uma com a cabeça mui singela,
Outra de pedrarias carregada,
Muitas em peles de ursos envolvidas
E algumas meias nuas, e vestidas.

60.

Fazendas neste Reino fabricadas
São o que as Damas nos enfeites gastam;
Com elas aparecem preparadas
E desta economia não se afastam;
Aqui também há cousas delicadas:
Deste modo é que os povos não se arrastam!
Agricultura, fábricas e braços
São da riqueza os mais seguros laços.

62.

O Velho respondeu: Nesta igualdade
Se conserva o fidalgo, o rico, e o pobre;
Não se sustenta luxo nem vaidade
Na mecânica gente, nem na nobre;
Se o rico mostra ter comodidade,
No homem de bem miséria se descobre!
Porque não o obrigue esta impostura,
Todos vão deste modo à sepultura.

64.

Por basófia de um grande testamento,
Aqui ninguém ferrolha cabedais,
Para se não dizer sem sentimento:
Mal-o-hajas, que não deixaste mais!
A gente vive aqui com muito tento,
Mas sem que falte a si, que, em casos tais,
O que ajunta altas somas de dinheiro
Vai os deboches fomentar do herdeiro.

65.

Há oito cemitérios na cidade,
De árvores cheios, grandes e murados,
Onde vai o que vai por caridade,
Como o que tinha muitos mil cruzados;
Para as ofertas terem igualdade,
Se poupa cera e coche com criados;
Doutor, Cirurgião têm preço certo
Para cada visita, longe ou perto.

67.

Com exacção e bom regulamento,
Disseram-lhe, que tudo se fazia,
E que era todo aquele rendimento
Para os pobres de cada freguesia;
Que se tomavam contas com assento
De quanto cada casa ali rendia;
Que a perda sem desgosto se levava,
Vendo-se a aplicação que se lhe dava.

69.

Que depois que este fundo se erigiu
Para enfermos e pobres, sem demora
Aquele corja toda se extinguiu
Que na rua gritava a toda a hora;
Que já se calculou e já se viu
Quanto nisto a pobreza se melhora,
E que ali andam todos vigilantes
Em providenciar seus semelhantes.

66.

Ficando o nosso Herói sabendo quanto
Pretendia saber a tal respeito,
Viu a desembrulhar sortes num canto,
Mui pressuroso, um pálido sujeito;
Tornou a perguntar, e com espanto,
Se as sortes ali tinham bom conceito,
Se as caixas tinham quanto lhes é dado,
Se à factura assistia um Magistrado?

68.

Que enquanto estes socorros não haviam,
Andavam com alcofa e archote aceso
Uns homens a tirar o que podiam,
Aqui prego, ali rogo, acolá rezo!,
Que pão, chicória e favas repartiam,
Mas que ao dinheiro ninguém via o peso;
Mostravam dos enfermos ter piedade,
E consigo ficava a caridade.

70.

Que o homem que anda farto e tem de seu
Não tira ao outro o pouco pão que tem;
E o que o dever de honrado preencheu,
É quando mostra ser homem de bem;
Que Deus esta lição ao mundo deu
Nos preceitos que pôs e nos convêm:
Que o homem que a Deus teme e tem moral
Tem o próximo seu por seu igual.

71.

Que às árvores os homens parecidos
São: nascendo, ou crescendo, ou declinando,
Nas Estações diferentes envolvidos,
Bem como elas, viçosas, ou secando;
Que os cultores que são mais entendidos
Viveiros fazem delas, reservando
As melhores que têm, para poderem
Substituir às mais que se perderem.

73.

Ficou o nosso Herói desenganado
Do bem que aquele Povo se regia,
E viu um Escrivão azafamado
A sindicá-lo de um homem, se sabia...
Deveu-lhe esta figura algum cuidado
E pretendeu saber o que seria.
Disseram-lhe: É devassa que se tira,
De uma criança morta, que se vira.

75.

Então o nosso Herói, que já cansado
Estava de ver tanta variedade,
Diz que por se ter muito demorado,
Dera por visto o resto da Cidade;
Que de Lisboa tendo-se lembrado,
Do Povo Português teve saudade;
Que por ter sido ali bem acolhido,
Esta fala fizera agradecido:

77.

É ele dividido em quatro partes,
Ásia, África, América e Europa:
Da última sou eu, que é dada às Artes,
E às Armas, com a mais valente tropa:
Tantos Soldados são, tanto os Martes,
Nume que em guerra tudo em sangue ensopa,
Mas os Lusos, sem causa, nunca brigam,
Sabem só defender-se, se os obrigam.

72.

Que de igual modo são ali guardados
Homens bons, homens sábios, homens rectos,
Viveiro donde são depois tirados
Para muitos lugares circunspectos;
Que nunca podem ser prejudicados,
Pois tudo anda em poder de homens discretos;
Que é o mérito só quem intercede
Neste ou naquele emprego que alguém pede.

74.

Aqui, por qualquer crime que apareça,
Ou haja parte ou não, ou o réu se oculte,
Logo a tirar devassa se começa,
Para que maior crime não resulte.
O processo se lavra a toda a pressa,
Por mais que a prova ali se dificulte:
As Leis hão-de cumprir-se em tudo justas,
Muito embora o Escrivão fique sem custas.

76.

Oh homens de razão! Oh bela gente!
Que assim vos regulais com tal justiça!
De tanta rectidão e tão prudente
Que de viver-se aqui causais cobiça!
Oh sempre vos ampare o Céu clemente,
Pois não sois para o bem gente remissa!
O mundo donde venho está sabido
Que é com o vosso muito parecido!

78.

É gente muito humana e de bom porte,
Dotada de uma grande fortaleza,
Que nos perigos arrosta com a morte,
Valor que já lhe vem por natureza.
Religião e Pátria é o seu Norte;
Têm ternura, carácter e firmeza:
Antes morrerão Mártires, que neguem
A pura e Santa Lei que têm e seguem.

79.

E pois subir pretendo a novos ares,
À Máquina me volto, adeus bom povo;
E direi, em me vendo nos meus lares,
Que descobri aqui um Mundo novo:
Direi que encontrei génios singulares,
Direi nisto que vi, que muito louvo,
Que, por Leis e costumes dos Lulanos,
Esquecem Persas, Gregos e Romanos.

FIM.

80.

Fazendo o nosso Herói tal despedida,
Concorreu todo o povo a cortejá-lo;
Ele então, pondo a Máquina em partida,
Disse adeus e voou sem intervalo;
Tenta levar avante esta subida,
Mas sente dentro em si um certo abalo
E, descendo, desiste do que empreende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.